

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA
REDEMPTIONIS DONUM



DE SUA SANTIDADE O PAPA
JOÃO PAULO II
AOS RELIGIOSOS E ÀS RELIGIOSAS, SOBRE
A SUA CONSAGRAÇÃO À LUZ DO
MISTÉRIO DA REDENÇÃO.

Caríssimos Irmãos e Irmãs em Cristo Jesus :

I. SAUDAÇÃO.

1. O *dom da Redenção*, que este Ano Jubilar extraordinário põe especialmente em relevo, comporta em si mesmo um chamamento particular à conversão e à reconciliação com Deus em Jesus Cristo. Se bem que o motivo exterior deste Jubileu extraordinário seja de carácter histórico - celebra-se, efectivamente, o 1950º aniversário dos acontecimentos da Cruz e da Ressurreição - simultaneamente prevalece nele um motivo interior, conjunto à própria profundidade do mistério da Redenção. A Igreja nasceu deste mistério ; e vive dele ao longo de toda a sua história. O tempo do Jubileu extraordinário tem um carácter excepcional. O chamamento à conversão e à reconciliação com Deus significa que devemos *meditar* mais a fundo na nossa vida e na nossa vocação cristã à luz do mistério da Redenção, a fim de as arraigar cada vez mais nele.

Se este chamamento é para todos os filhos da Igreja, ele diz-vos respeito de maneira especial a vós, *Religiosos e Religiosas*, que, pela consagração a Deus, mediante o voto dos conselhos evangélicos, tendes a uma particular plenitude de vida cristã. A vossa vocação peculiar e o conjunto da vossa vida na Igreja e no mundo vão haurir o seu carácter e a sua força espiritual *na própria*

profundidade do mistério da Redenção. Ao seguirdes Cristo pela «porta estreita... e pelo caminho apertado»,¹ vós experimentais de um modo extraordinário quanto é «abundante a Redenção que n'Ele se encontra»: *copiosa apud eum redemptio*.²

2. Por isso, quando este Ano Santo já se encaminha a passos largos para a sua conclusão, desejo dirigir-me de maneira particular a todos vós, Religiosos e Religiosas: aos que vos dedicais inteiramente à contemplação, bem como aos que vos devotais às diversas obras de apostolado. Já o fiz em numerosos lugares e em diversas circunstâncias, confirmando e prolongando o ensino do Evangelho, expresso em toda a Tradição da Igreja e especialmente visível no Magistério do recente Concílio Ecuménico, desde a Constituição dogmática *Lumen Gentium* até ao Decreto *Perfectae Caritatis*, e no espírito das orientações da Exortação Apostólica *Evangelica Testificatio* do meu Predecessor Paulo VI. O Código de Direito Canónico, que recentemente entrou em vigor e que pode ser considerado, de alguma maneira, o último dos Documentos conciliares, será para todos vós um auxiliar precioso e um guia seguro, facultando determinar em concreto os meios para viverdes fiel e generosamente a vossa magnífica vocação eclesial.

¹ Cf. *Mt* 7, 14.

² *Sl*130 [129], 7.

Saúdo-vos com afecto na qualidade de Bispo de Roma e de Sucessor de São Pedro, com o qual as vossas Comunidades permanecem unidas dum modo característico. Também desta mesma Sede Romana, como que em eco incessante, se fazem ouvir as palavras de São Paulo : *desposei-vos* « com um único esposo, como virgem pura oferecida a Cristo ». ³ A Igreja, que é depositária, a partir do tempo dos Apóstolos, do tesouro das núpcias com o Esposo divino, olha com grande amor para todos os seus filhos e para todas as suas filhas que, pela sua mediação, com a *profissão dos conselhos evangélicos* firmaram uma aliança privilegiada com o Redentor do mundo.

Acolhei, pois, esta palavra do Ano Jubilar da Redenção como uma palavra de amor, dita para vós pela Igreja ! Acolhei-a onde quer que vos encontréis : na clausura das Comunidades contemplativas, ou na dedicação ao multiforme serviço apostólico - nas Missões, na Pastoral, nos Hospitais ou noutros lugares análogos onde é servido o homem que sofre, nas Instituições de educação, nas Escolas ou nas Universidades, enfim, em cada uma das vossas Casas, onde perseverais « reunidos em nome de Cristo », com a convicção de que o Senhor está « no meio de vós ». ⁴

³ Cf. 2 *Cor* 11, 2.

⁴ Cf. *Mt* 18, 20.

Que esta *palavra de amor*, que vos é dirigida no decorrer do Jubileu da Redenção, *da parte da Igreja*, seja o reflexo daquela outra palavra de amor que o próprio Cristo dirigiu a cada um e a cada uma de vós, segredando-vos um dia aquele misterioso « segue-me », ⁵ no qual teve início a vossa vocação na Igreja.

II. VOCAÇÃO.

« *Jesus fitou-o com amor...* »

3. « Jesus fitou-o com amor » ⁶ e disse-lhe : « Se queres ser perfeito, vai, vende o que tens e dá-o aos pobres e terás um tesouro no Céu. Depois vem e segue-me ». ⁷ Embora saibamos que estas palavras, ditas ao jovem rico, não foram acolhidas por ele, como « chamado », o seu conteúdo no entanto, merece uma atenta reflexão ; elas apresentam, de facto, a estrutura interior da vocação.

« Jesus fitou-o com amor... ». Está aqui estampado o amor do Redentor : aquele amor que brota de toda a profundeza divino-humana da Redenção. Nele reflecte-se o *eterno amor do Pai*, que « amou tanto o mundo que deu o seu Filho unigénito, para que todo aquele que crê n'Ele não pereça, mas tenha a vida eterna ». ⁸ O Filho,

⁵ Cf. *Mt* 19, 21 ; *Mc* 10, 21 ; *Lc* 18, 22.

⁶ *Mc* 10, 21.

⁷ *Mt* 19, 21.

⁸ *Jø* 3,16.

imbuído por este amor, aceitou a missão do Pai no Espírito Santo e tornou-se o Redentor do mundo. E o amor do Pai revelou-se no Filho como *amor que salva*. É este amor precisamente que constitui o verdadeiro preço da Redenção do homem e do mundo. Os Apóstolos de Cristo falam com profunda emoção de tal preço da Redenção : « ... não fostes resgatados... a preço de coisas corruptíveis, como a prata e o ouro, mas pelo sangue precioso de Cristo, como de um cordeiro sem defeito e sem mácula », escreve São Pedro.⁹ « Na verdade, fostes comprados por elevado preço », diz também São Paulo.¹⁰

O chamamento para seguir o caminho dos conselhos evangélicos nasce *do encontro íntimo com o amor* de Cristo, que é amor redentor. É com este amor, exactamente, que Cristo chama. Na estrutura da vocação, o encontro com este amor torna-se algo especificamente pessoal. Quando Cristo, « depois de vos ter fitado, vos amou », chamando cada um e cada uma de vós, amados Religiosos e Religiosas, aquele seu amor redentor foi dirigido a uma determinada pessoa, adquirindo ao mesmo tempo *características esponsais* : tornou-se *amor de eleição*. Tal amor abrange a pessoa toda, alma e corpo, seja homem ou mulher, com o seu único e irrepetível « eu » pessoal. Aquele que, doado eternamente ao Pai,

⁹ 1 *Pdr* 1, 18

¹⁰ 1 *Cor* 6, 20.

« se dá » a si próprio no mistério de Redenção, eis que chama o homem, a fim de que este, por sua vez, se dê inteiramente a um serviço particular da obra da Redenção, mediante a agregação a uma Comunidade fraterna, reconhecida e aprovada pela Igreja. Não serão, porventura, um eco deste chamamento as palavras de São Paulo : « Não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo... e que vós não sois senhores de vós mesmos ? Na verdade, fostes comprados por elevado preço ». ¹¹

Sim : o amor de Cristo assenhoreou-se de cada um e de cada uma de vós, amados Religiosos e Religiosas, por aquele mesmo « preço » da Redenção. E em consequência disso, vós apercebestes-vos de que já *não pertenceis a vós mesmos*, mas a Ele. Esta nova consciência foi o fruto do « olhar amoroso » de Cristo no íntimo dos vossos corações. E vós correspondestes a esse olhar escolhendo Aquele que primeiro vos escolheu a cada um e a cada uma de vós, chamando-vos com a imensidade do seu amor redentor. Chamando « pelo nome », o seu chamamento faz sempre apelo *à liberdade do homem*. Cristo diz : « Se queres... ». A resposta a este chamamento, portanto, é uma escolha livre. Escolhestes a Jesus de Nazaré, o Redentor do mundo, ao escolherdes o caminho que Ele vos indicou.

¹¹ 1 Cor 6, 19-20.

« *Se queres ser perfeito...* »

4. Este caminho também é chamado *caminho da perfeição*. Conversando com o jovem, Cristo diz : « Se queres ser perfeito... » ; de tal maneira que o conceito de « caminho da perfeição » tem a sua razão de ser na fonte do próprio Evangelho. Não ouvimos nós, de resto, no Sermão da Montanha : « Sede, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai celeste » ?¹² O *chamamento do homem à perfeição* foi presentido, de alguma maneira, pelos pensadores e moralistas do mundo antigo e também sucessivamente, nas diversas épocas da história. O chamamento bíblico, porém, reveste-se de uma sua característica absolutamente original, e apresenta-se particularmente exigente, quando aponta ao homem a perfeição à semelhança do próprio Deus.¹³ Sob esta forma, precisamente, o chamamento corresponde a toda a lógica interna da Revelação, segundo a qual o homem foi criado *à imagem e semelhança do próprio Deus*. Por conseguinte, deve buscar a perfeição que lhe é própria na linha desta imagem e semelhança. Escreverá São Paulo na *Carta aos Efésios* : « Sede, pois, imitadores de Deus, como convém a filhos muito amados ; caminhai na caridade a exemplo de Cristo, que nos amou e por nós se entregou a

¹² Mt 5, 48.

¹³ Lc 19, 2, 11, 44

si mesmo a Deus, como oferenda e sacrifício de agradável odor ».¹⁴

O chamamento à perfeição, portanto, pertence à própria essência da *vocação cristã*. E é sobre a base deste chamamento que é preciso compreender também as palavras de Cristo dirigidas ao jovem do Evangelho. Elas estão ligadas de modo especial ao mistério da Redenção do homem e do mundo. Esta, de facto, restitui a Deus a obra da Criação contaminada pelo pecado, indicando a perfeição que tem tudo o que foi criado e, de modo particular, o homem, no pensamento e na intenção do mesmo Deus. O *homem*, especialmente, deve ser *doado e restituído a Deus*, para poder ser restituído *a si mesmo*. Donde o eterno chamamento : « Volta para mim, pois te resgatei ».¹⁵ Assim, as palavras de Cristo : « Se queres ser perfeito, vai, vende o que tens e dá-o aos pobres... » introduzem-nos, sem dúvida, no âmbito do conselho evangélico da pobreza, que pertence à própria essência da vocação e da profissão religiosa.

Estas palavras podem ser entendidas ainda de uma maneira mais ampla e, em certo sentido, essencial. O Mestre de Nazaré convida o seu interlocutor *a renunciar* a um programa de vida no qual emerge, em primeiro plano, a categoria da posse, a categoria do « ter » ; e, em vez disso, a

¹⁴ Ef 5, 1-2.

¹⁵ Is 44, 22.

aceitar um outro programa centrado no valor da pessoa humana, no « *ser* » pessoal, com toda a transcendência que lhe é própria.

Uma compreensão assim das palavras de Cristo constitui como que um plano de base mais amplo para o ideal da pobreza evangélica, especialmente daquela pobreza que, enquanto conselho evangélico, pertence ao conteúdo essencial das vossas núpcias místicas com o Esposo divino na Igreja. Ao lermos as palavras de Cristo à luz do princípio da superioridade do « *ser* » sobre o « *ter* » - especialmente quando este último é entendido no sentido materialista e utilitarista - nós atingimos quase *as próprias bases antropológicas da vocação* como resultam no Evangelho.

Na perspectiva do desenvolvimento da civilização contemporânea, está nisto uma descoberta particularmente actual. E por isso, a própria vocação ao « caminho da perfeição », tal como foi traçado pelo próprio Cristo, apresenta-se também actual. Dado que no âmbito da civilização hodierna, especialmente no contexto do mundo do bem-estar da sociedade de consumo, o homem sente profunda e dolorosamente a deficiência essencial de « *ser* » pessoal, que resulta para a sua humanidade da abundância do multiforme « *ter* », então ele passa a estar mais disposto para acolher esta verdade sobre a vocação, que foi expressa de uma vez

para sempre no Evangelho. Sim, o chamamento que vós acolheis, amados Irmãos e Irmãs, quando entrais pelo caminho da profissão religiosa, toca *as próprias raízes da humanidade*, as raízes do destino do homem no mundo temporal. O « estado de perfeição » evangélico não vos separa destas raízes. Pelo contrário, é algo que vos permite ancorar mais seguramente naquilo por que o homem é homem, impregnando esta humanidade, entorpecida pelo pecado de diversas maneiras, com o fermento divino-humano do mistério da Redenção.

« Terás um tesouro no céu »

5. A vocação encerra em si a resposta à pergunta : *para quê ser homem - e como sê-lo ?* Esta resposta confere à vida toda uma nova dimensão e determina o seu sentido definitivo. Este sentido emerge no horizonte do paradoxo evangélico acerca da vida que se perde quando se quer salvá-la, e que, ao contrário, se salva perdendo-a « por causa de Cristo e do Evangelho », como lemos em São Marcos.¹⁶

À luz destas palavras reveste-se de plena evidência o chamamento de Cristo : « vai, vende o que tens e dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois vem e segue-me ».¹⁷ Entre o termo « vai » e o sucessivo « vem e segue-me » estabelece-se uma relação íntima. Pode-se dizer

¹⁶ Mc 8, 35 ; cf. Mt 10 39 ; Lc 9, 24.

¹⁷ Mt 19, 21.

que estas últimas palavras determinam a própria essência da vocação ; com efeito, trata-se de seguir as pegadas de Cristo (*sequi* = palavra latina, de onde vem a *sequela Christi*). Os termos « vai... vende... dá-o » parecem determinar bem a condição que precede a vocação. No entanto, esta condição não é, por outro lado, algo que esteja « fora » da vocação ; mas já se encontra « no interior » da mesma. O homem, efectivamente, faz a descoberta do novo sentido da própria humanidade, não apenas *para* « seguir » a Cristo, mas *na medida em que* O segue. Quando « vende o que possui » e « o dá aos pobres », é então que ele descobre que aqueles bens e aquela « vida na abundância », de que já dispunha, não constituíam o tesouro junto do qual pudesse aquietar-se : *o tesouro está no seu coração*, por Cristo feito capaz de « dar » aos outros, *dando-se a si próprio*. Rico não é aquele que possui ; mas sim aquele que « dá », aquele que é *capaz* de dar.

Aqui neste ponto o paradoxo evangélico adquire uma expressividade particular. Torna-se um *programa do ser* : ser pobre, no sentido dado a este « ser » pelo Mestre de Nazaré, significa tornar-se um dispensador de bem com a própria humanidade. Isto quer dizer, igualmente, *descobrir « o tesouro »*. Este tesouro é *indestrutível*. Conjuntamente ao homem ele prolonga-se na dimensão da eternidade, pertence à escatologia divina do mesmo homem. Mediante este tesouro

o homem passa a ter o seu futuro definitivo em Deus. Cristo disse : « terás um tesouro no céu ». E este tesouro não é « um prémio » somente, depois da morte, pelas boas obras praticadas a exemplo do divino Mestre ; mas é sobretudo o *completamento escatológico* daquilo que se escondia por detrás dessas boas obras, já aqui na terra, no « tesouro » interior do coração. O próprio Cristo, aliás, no Sermão da Montanha,¹⁸ ao exortar a angariar tesouros no céu, acrescentava : « onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração ».¹⁹ Estas palavras indicam o carácter escatológico da vocação cristã e, mais ainda, o carácter escatológico da vocação que se realiza seguindo o caminho das núpcias espirituais com Cristo, mediante a prática dos conselhos evangélicos.

6. A *estrutura desta vocação*, conforme se depreende das palavras dirigidas ao jovem nos Evangelhos sinópticos,²⁰ configura-se mediante a descoberta do *tesouro* fundamental da própria humanidade, na perspectiva daqueloutro « tesouro » que o homem « terá no céu ». E com esta perspectiva o tesouro substancial da própria humanidade fica associado ao facto de « ser dando-se a si próprio ». O ponto de referência directo para uma vocação assim é *a pessoa viva de*

¹⁸ Cf. *Mt* 6, 19-20.

¹⁹ *Mt* 6, 21.

²⁰ Cf. *Mt* 19, 21 ; *Mc* 10, 21 ; *Lc* 18, 22.

Jesus Cristo. O chamamento ao caminho da perfeição recebe a sua configuração d'Ele e por Ele *no Espírito Santo*, o qual vai *recordando* sempre a pessoas diversas - homens e mulheres, em diferentes momentos da sua vida, mas prevalentemente na juventude - tudo o que Cristo « disse », ²¹ em particular aquilo que « disse » ao jovem que Lhe perguntava : Mestre, que devo eu fazer de bom, para obter a vida eterna ? ». ²² Mediante a resposta de Cristo, que « fitou com amor » o seu interlocutor, o fermento forte do *mistério da Redenção* penetra na consciência, no coração e na vontade de todo o homem que busca com verdade e sinceridade.

Deste modo, o chamamento a percorrer o caminho dos conselhos evangélicos tem sempre o seu início em Deus : « Não fostes vós que me escolhestes a mim : fui eu que vos escolhi a vós e vos constituí para que vades e produzais fruto e para que o vosso fruto seja duradouro », ²³ A vocação, na qual o homem descobre totalmente a lei evangélica da doação inscrita na própria humanidade, é também ela *um dom* ! É um dom repleto do conteúdo mais profundo do Evangelho ; um dom em que se reflecte o perfil divino-humano do mistério da Redenção do mundo. « Nisto consiste o amor : não fomos nós

²¹ Cf. *Jó* 14, 26.

²² *Mt* 19, 16.

²³ *Jó* 15, 16.

que amámos a Deus ; mas foi Ele que nos amou e nos enviou o seu Filho em expiação dos nossos pecados ».²⁴

III. CONSAGRAÇÃO.

A profissão religiosa é « uma expressão mais perfeita » da consagração baptismal

7. A vocação, amados Irmãos e Irmãs, levou-vos à profissão religiosa, graças à qual vós fostes consagrados a Deus, mediante o ministério da Igreja ; e, ao mesmo tempo, fostes incorporados na vossa Família religiosa. Por isso, a Igreja pensa em vós, em primeiro lugar enquanto sois pessoas « consagradas » : *consagradas a Deus em Jesus Cristo* para lhe pertencerdes exclusivamente. Esta consagração determina o vosso lugar na ampla Comunidade da Igreja, do Povo de Deus ; ao mesmo tempo, introduz na missão universal deste Povo recursos especiais de energia espiritual e sobrenatural : uma peculiar forma de vida, de testemunho e de apostolado, na fidelidade à missão do vosso Instituto, à sua identidade e ao seu património espiritual. A missão universal do Povo de Deus está radicada na missão messiânica do próprio Cristo - Profeta, Sacerdote e Rei - na qual todos *participam de diversas maneiras*. A forma de participação própria das pessoas « consagradas » corresponde à forma do vosso enraizamento em Cristo. E é precisamente a

²⁴ 1 Jo 4, 10.

profissão religiosa que determina a profundidade e o vigor deste enraizamento.

A mesma profissão cria um vínculo novo do homem com Deus uno e trino, em Jesus Cristo. Este ligame tem fundamento e é acréscimo daquele *vínculo original*, que se estabeleceu *no sacramento do Baptismo*. A profissão religiosa « tem as suas raízes profundas na consagração do Baptismo e exprime-a mais perfeitamente ».²⁵ Deste modo, ela torna-se, no seu conteúdo constitutivo, uma nova consagração: a consagração e a doação da pessoa humana a Deus, amado sobre todas as coisas. O compromisso assumido mediante os votos de pôr em prática os conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência, segundo as disposições próprias das vossas Famílias religiosas, conforme se encontram determinadas nas respectivas Constituições, representa a *expressão* de uma consagração total a Deus e, conjuntamente, o meio que leva à sua realização. Aqui vão buscar também a própria forma o testemunho e o apostolado peculiar das pessoas consagradas. Importa, no entanto, procurar a raiz desta consagração consciente e livre e da subsequente *entrega de si mesmo a Deus para Ihe pertencer* no Baptismo, sacramento que nos conduz ao

²⁵ Cf. Conc. Ecum. Vaticano II, Decr. *Perfectae Caritatis*, 5 ; cf. também o Documento da Congregação para os Religiosos e os Institutos Seculares - « Elementi essenziali dell'insegnamento della Chiesa sulla vita religiosa » (21 de Maio de 1983), nn. 5 ss.

mistério pascal, como vértice e centro da Redenção realizada por Cristo.

Por conseguinte, quando se quer pôr totalmente em realce a realidade da profissão religiosa, é necessário referir-se às vibrantes palavras de São Paulo na *Carta aos Romanos* : « Ou ignorais, porventura, que todos os que fomos *baptizados* em Cristo Jesus, fomos *imersos* à semelhança da sua morte ? Por meio do Baptismo fomos, pois, sepultados juntamente com Ele, à semelhança da morte, para que, assim como Jesus Cristo... assim caminhemos, nós também, numa nova vida ».²⁶ « O nosso homem velho foi crucificado com Ele... a fim de já não sermos escravos do pecado ».²⁷ « Do mesmo modo, vós também, considerai-vos mortos para o pecado e vivos para Deus em Jesus Cristo ».²⁸

A profissão religiosa - assente na base sacramental do Baptismo, em que está radicada - é uma « nova sepultura na morte de Cristo » : nova, pela consciência e pela escolha ; nova, mediante o amor e a vocação ; nova, enfim, mediante a incessante « conversão ». Essa « sepultura na morte » faz com que o homem « sepultado juntamente com Cristo », « *caminhe como Cristo numa vida nova* ». Em Cristo crucificado vão encontrar o seu fundamento último quer a

²⁶ *Rom* 6, 34.

²⁷ *Rom* 6, 6.

²⁸ *Rom* 6, 11.

consagração baptismal, quer a profissão dos conselhos evangélicos ; esta, na palavra do Concílio Vaticano II, « constitui uma consagração especial ». É simultaneamente *morte e libertação*. São Paulo escreve : « considerai-vos mortos para o pecado » ; ao mesmo tempo, porém, chama a esta morte « libertação da escravatura do pecado ». A consagração religiosa, todavia, sobre a base sacramental do santo Baptismo, constitui sobretudo uma vida nova « para Deus em Cristo Jesus ».

E eis que assim, conjuntamente à profissão dos conselhos evangélicos, dum modo muito mais amadurecido e mais cômico é « *deposto o homem velho* » ; e, da mesma maneira, é « *revestido o homem novo*, criado à imagem de Deus na justiça e na santidade verdadeira », querendo usar, uma vez mais, as palavras da *Carta aos Efésios*.²⁹

Aliança do amor esponsal

8. Portanto, amados Irmãos e Irmãs, todos os que na Igreja inteira viveis a aliança da profissão dos conselhos evangélicos, *renovai* neste Ano Santo da Redenção a *consciência* da vossa *participação* especial *na morte* do Redentor na Cruz ; a *consciência* daquela *participação* mediante a qual *ressuscitastes*, juntamente com Ele, e *ressuscitais* constantemente para uma vida nova. O Senhor fala a cada um e a cada uma de vós, como certa vez falou por meio do profeta Isaías :

²⁹ Cf. *Ef* 4, 22-24

« Não temas, porque eu te *resgatei*, chamei-te pelo nome ; *tu és meu* ». ³⁰

O chamamento evangélico : « se queres ser perfeito... segue-me » ³¹ guia-nos com a luz das palavras do Divino Mestre. O chamamento de Cristo chega das profundezas da Redenção e de tais profundezas atinge a alma do homem ; e, *em virtude de graça da Redenção*, esse chamamento salvífico concretiza-se na forma real da profissão dos conselhos evangélicos na alma de quem é chamado. Nesta forma, pois, está contida a vossa resposta ao chamamento do amor redentor ; e também é uma resposta de amor : *amor de doação*, que é *a alma da consagração*, isto é, da consagração da pessoa. As palavras de Isaías : « *eu te resgatei – tu és meu* » parecem sigilar exactamente este amor, que é amor total e exclusivo de uma consagração a Deus.

É deste modo que se estabelece *a aliança particular do amor sponsal*, na qual parecem repercutir, num eco incessante, as palavras relativas a Israel, que o Senhor « escolheu... para sua possessão », ³² Em cada pessoa consagrada, de facto, é escolhido o « Israel » da nova e eterna Aliança. É todo o Povo messiânico, a Igreja inteira, que é *eleita em todas e cada uma das pessoas* que o Senhor escolhe no meio deste Povo : em

³⁰ Is 43, 1.

³¹ Mt 19, 21.

³² Sl 135 [134], 4.

cada pessoa que se consagra *por todos* a Deus, como propriedade exclusiva. Efectivamente, se é verdade que nenhum homem, nem sequer o mais santo, pode repetir as palavras de Cristo : « eu consagro-me a mim mesmo por eles », ³³ entretanto, atendendo ao poder redentor próprio destas mesmas palavras, ao oferecer-se a Deus como propriedade exclusiva, mediante o amor de doação, cada um pode achar-se, por meio da fé, abrangido pelo alcance de tais palavras.

Porventura, não nos chamam a atenção para isto as palavras do Apóstolo na *Carta aos Romanos*, que nós repetimos e meditamos com tanta frequência : « Exorto-vos, pois, irmãos, pela misericórdia de Deus, a oferecer os vossos corpos como hóstia viva, santa e agradável a Deus ; este é o culto racional que lhe deveis prestar » ? ³⁴ Nestas palavras repercute-se um certo eco longínquo d'Aquele que, vindo ao mundo e fazendo-se homem, disse ao Pai : « ... *Formastes-me um corpo...* Eis-me aqui... para fazer, ó Deus, a tua vontade ». ³⁵

Rememoramos, por conseguinte – neste contexto particular do Ano do Jubileu da Redenção – o mistério do corpo e da alma de Cristo, como sujeito integral do amor redentor e sponsal : sponsal, porque redentor. *Por amor*

³³ *Jó* 17, 19.

³⁴ *Rom* 12,1.

³⁵ *Hebr* 10, 5. 7.

ofereceu-se a si mesmo ; por amor, ainda, deu o seu corpo «pelos pecados do mundo». Ao mergulhardes, mediante a consagração dos votos religiosos, no mistério pascal do Redentor, vós, com o amor de uma doação total, manifestais o desejo de que as vossas almas e os vossos corpos sejam compenetrados pelo espírito de sacrifício, daquele modo que São Paulo vos convida a fazê-lo, com as palavras da *Carta aos Romanos*, que acabamos de citar : «oferecei os vossos corpos como hóstia». ³⁶ Desta maneira, imprime-se na profissão religiosa *a semelhança com aquele amor que no Coração de Cristo* é redentor e, conjuntamente, sponsal. E um amor assim deve brotar em cada um de vós, amados Irmãos e Irmãs, da própria fonte daquela *consagração particular* que – assente na base sacramental do santo Baptismo – é o *início da vossa vida nova* em Cristo e na Igreja : é o *início da nova criação*.

Que se aprofunde em cada um e cada uma de vós, juntamente com este amor, *a alegria de pertencerdes exclusivamente a Deus*, de serdes uma herança particular da Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo. Procurai repetir, de vez em quando, com o Salmista as palavras inspiradas :

*« Quem, fora de vós, há para mim no céu ?
Nem na terra outra coisa desejo.
Desfalece a minha carne e o meu coração,*

³⁶ Rom 12,1.

*mas a rocha do meu coração e a minha herança
é Deus para sempre* ».³⁷

Ou então estas outras :

*« Digo a Deus : Senhor o meu bem sois vós ;
nenhum outro fora de vós..*

*O Senhor é a porção da minha herança e o meu cálice :
vós sois o que tendes na mão a minha sorte* ».³⁸

Que a consciência de pertencerdes ao próprio Deus em Jesus Cristo, Redentor do mundo e Esposo da Igreja, *marque sempre os vossos corações*,³⁹ todos os vossos pensamentos, palavras e obras, com o sinal distintivo da esposa bíblica. Este conhecimento de Cristo, ardente e profundo, como vós sabeis, exercita-se e aprofunda-se cada dia mais, por meio da vida de oração pessoal, comunitária e litúrgica, própria de cada uma das vossas Famílias religiosas. Também nisto, e sobretudo nisto, os Religiosos e as Religiosas que se dedicam essencialmente à contemplação constituem para os seus irmãos e irmãs que se entregam às obras de apostolado, uma ajuda válida e um apoio estimulante. Que esta consciência de pertencer a Cristo *abra* os vossos corações, pensamentos e obras, com a chave do mistério da Redenção, a todos os sofrimentos, a todas as necessidades e a todas as esperanças dos homens e do mundo, no meio dos quais a vossa

³⁷ *SI* 73 [72], 25-26.

³⁸ *SI* 16 [15], 2. 5.

³⁹ Cf. *Cânt* 8, 6.

consagração evangélica foi enxertada, como um sinal particular da presença de Deus « para o qual todos vivem », ⁴⁰ abrangidos pelas dimensões invisíveis do seu Reino.

A palavra « segue-me », dita por Cristo, quando « fitou e amou » cada um e cada uma de vós, amados Irmãos e Irmãs, tem este significado também : participa, da maneira mais completa e mais radical possível, *na formação daquela « nova criatura »* ⁴¹ que deve resultar da redenção do mundo, mediante o poder do Espírito de Verdade, que opera pela abundância do mistério pascal de Cristo.

IV. CONSELHOS EVANGÉLICOS.

9. Mediante a profissão abre-se diante de cada um e de cada uma de vós o caminho dos conselhos evangélicos. Há no Evangelho muitas recomendações que excedem a medida do mandamento, indicando não apenas o que é « necessário », mas aquilo que é « melhor ». Assim, por exemplo : a exortação a não julgar, ⁴² a emprestar « sem nada esperar em troca », ⁴³ a satisfazer todas as exigências e desejos do próximo, ⁴⁴ a convidar para a própria mesa os

⁴⁰ Cf. *Lc* 20, 38.

⁴¹ *2 Cor* 5, 17.

⁴² Cf. *Mt* 7, 1.

⁴³ *Lc* 6, 35.

⁴⁴ Cf. *Mt* 5 40-42.

pobres,⁴⁵ a perdoar sempre⁴⁶ e muitas outras semelhantes. O facto de se ter *concentrado nos três pontos da castidade, pobreza e obediência* a profissão dos conselhos evangélicos, seguindo a Tradição, é um costume que parece pôr em relevo, de maneira suficientemente clara, a importância dos mesmos, como elementos-chave de toda a economia da Salvação, como elementos que, em certo sentido, a « resumem ». Tudo aquilo que no Evangelho é conselho entra, indirectamente, no programa daquele caminho para o qual Cristo chama, quando diz : « segue-me ». Mas a castidade, a pobreza e a obediência dão a este caminho uma *característica cristocêntrica* particular e imprimem nele um sinal específico da economia da Redenção.

É essencial para esta « economia » a *transformação* de todo o cosmos *através do coração do homem*, a partir de dentro : « A criação atende ansiosamente a revelação dos filhos de Deus... na esperança de que as próprias criaturas serão libertadas da escravatura da corrupção, para participar na gloriosa liberdade dos filhos de Deus ».⁴⁷ Tal transformação vai de par com o amor que o chamamento de Cristo difunde no coração do homem, com aquele amor que constitui a própria substância da consagração ; ou

⁴⁵ Cf. *Lc* 14, 13-14.

⁴⁶ Cf. *Mt* 6, 14-15.

⁴⁷ *Rom* 8, 19-21.

seja, daquele acto pelo qual o homem ou a mulher se devotam a Deus na profissão religiosa, sobre o fundamento da consagração sacramental do Baptismo. Nós podemos descobrir as bases da economia da Redenção lendo as palavras da *primeira Carta de São João* : « Não ameis o mundo nem as coisas do mundo. Se alguém ama o mundo, não está nele o amor do Pai. Porque todas as coisas do mundo – a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida – não provêm do Pai, mas do mundo. Ora o mundo passa e também a sua concupiscência ; mas quem faz a vontade de Deus permanece eternamente ». ⁴⁸

A profissão religiosa põe no coração de cada um e de cada uma de vós, amados Irmãos e Irmãs, o *amor do Pai* ; aquele amor que está no coração de Jesus Cristo, Redentor do mundo. É um amor que abrange o mundo e tudo *aquilo* que nele *provém do Pai* ; e é o mesmo amor que tende a debelar no mundo tudo aquilo que *não provém do Pai*. Ele tende, pois, a vencer a tríplice concupiscência. « A concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida » encontram-se latentes no íntimo do homem, como *herança do pecado original*, em consequência do qual a relação com o mundo, criado por Deus

⁴⁸ 1 Jo 2, 15-17 : segundo o texto da antiga Vulgata, que inspirou uma longa tradição patristica e ascética.

e dado ao homem para que ele o submeta,⁴⁹ veio a encontrar-se deformada, de diversas maneiras, no coração humano. Os conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência constituem, na economia da Redenção, os meios mais radicais para transformar no coração do homem essa relação com « o mundo » : com o mundo exterior e com o próprio « eu » que, em certo sentido, é a parte central « do mundo » no significado bíblico, na medida em que nele tem a sua origem aquilo que « não provém do Pai ».

No contexto das frases acabadas de citar da *primeira Carta de São João*, não é difícil advertir a importância fundamental dos três conselhos evangélicos em toda a economia da Redenção. Com efeito, *a castidade evangélica* ajuda-nos a transformar na nossa vida interior tudo o que tem a sua fonte na concupiscência da carne ; *a pobreza evangélica*, o que tem a sua origem na concupiscência dos olhos ; e, por fim, *a obediência evangélica* permite-nos transformar, de modo radical, aquilo que no coração humano procede da soberba da vida. É de propósito que falamos aqui da superação como de uma transformação, porque toda a economia da Redenção se enquadra na moldura daquelas palavras dirigidas por Cristo ao Pai na Oração sacerdotal : « Não peço que os tires do mundo, mas que os guardes

⁴⁹ Gén 1, 28.

do mal». ⁵⁰ Os *conselhos* evangélicos na sua finalidade essencial servem para o « renovamento da criação » : « O mundo », graças a eles, deve ser submetido ao homem e a ele restituído, de maneira a fazer com que o mesmo homem seja perfeitamente restituído a Deus.

Participação no aniquilamento de Cristo

10. A finalidade intrínseca dos conselhos evangélicos conduz ainda à descoberta de outros aspectos, que põem em relevo a sua relação íntima com a economia da Redenção. Como é sabido, esta tem o seu ponto culminante no mistério pascal de Jesus Cristo, no qual se conjungem o *aniquilamento* mediante a morte e o nascimento para uma vida nova mediante a *ressurreição*. A prática dos conselhos evangélicos comporta em si mesma um profundo reflexo desta dualidade pascal :⁵¹ o aniquilamento inevitável daquilo que em cada um de nós é o pecado com a sua herança, e a possibilidade *de renascer cada dia para um bem mais profundo*, escondido na alma humana. Este bem manifesta-se sob a acção da graça, em relação à qual a prática da castidade, da pobreza e da obediência torna particularmente sensível a alma do homem. Toda a economia da Redenção se realiza precisamente mediante esta sensibilidade *à acção misteriosa do Espírito Santo*, obreiro directo de toda

⁵⁰ Jo 17, 15.

⁵¹ Cf. Conc. Ecum. Vaticano II, Decr. *Perfectae Caritatis*, 5.

a santidade. É nesta linha que a profissão dos conselhos evangélicos abre em cada um e em cada uma de vós, amados Irmãos e Irmãs, um espaço amplo para a « nova criatura », ⁵² que emerge no vosso « eu » humano exactamente da economia da Redenção ; e, através deste « *eu* » humano, também nas dimensões interpessoais e sociais. Emerge, portanto, ao mesmo tempo na humanidade, como parte do mundo criado por Deus : daquele mundo que o Pai amou « de novo » no Filho eterno, Redentor do mundo.

Deste Filho diz São Paulo que « subsistindo na natureza de Deus... *despojou-se a si mesmo*, assumindo a condição de servo e tornando-se semelhante aos homens ». ⁵³ A característica do aniquilamento contida na prática dos conselhos evangélicos, portanto, é uma característica completamente cristocêntrica. E por isso o Mestre de Nazaré também indica explicitamente *a Cruz como condição para seguir os seus passos*. Aquele que alguma vez disse a cada um e a cada uma de vós « segue-me », disse-vos também : « Quem quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me » (= caminhe pelas minhas pegadas). ⁵⁴ E dizia isto a todos os seus ouvintes, não apenas aos discípulos. *A lei da renúncia*, portanto, pertence à própria essência da vocação

⁵² 2 Cor 5, 17.

⁵³ Flp 2, 6-7.

⁵⁴ Mc 8, 34 ; Mt 16, 24.

cristã. Mas pertence de modo especial à vocação ligada à profissão dos conselhos evangélicos. Terão algo a dizer àqueles que se encontram no caminho desta vocação, com uma linguagem compreensível, também aquelas difíceis expressões que podemos ler na *Carta aos Filipenses* : por Ele « renunciarei a todas as coisas e considero-as como lixo, a fim de ganhar Cristo e ser encontrado unido a Ele ». ⁵⁵

Impõe-se, portanto, renúncia - reflexo do mistério do Calvário - para alguém « se encontrar » mais plenamente em Cristo crucificado e ressuscitado ; renúncia, para reconhecer n'Ele totalmente o mistério da própria humanidade e confirmá-lo, fazendo a caminhada daquele processo admirável de que fala o mesmo Apóstolo numa outra passagem : « ... ainda que o homem exterior se vá desfazendo em nós, o nosso homem interior vai-se renovando de dia para dia ». ⁵⁶ Deste modo, a economia da Redenção transfere o poder do mistério pascal para o terreno da humanidade, dócil ao chamamento de Cristo à vida de castidade, de pobreza e de obediência, ou seja, à vida segundo os conselhos evangélicos.

V. CASTIDADE - POBREZA - OBEDIÊNCIA.

Castidade

⁵⁵ *Fip* 3, 8-9.

⁵⁶ 2 *Cor* 4,16

11. O aspecto pascal desse chamamento pode ser reconhecido, em relação a cada um dos conselhos, sob diversos pontos de vista.

Assim, é segundo a medida da economia da Redenção que se tem de avaliar e praticar aquela *castidade*, que cada um e cada uma de vós prometeu pelo voto, juntamente com a pobreza e com a obediência. Nisso está contida a resposta às conhecidas palavras de Cristo, que são ao mesmo tempo um apelo : « *Há eunucos*, que tais se fazem a si mesmos, *por amor do Reino dos céus*. Quem for capaz de compreender, compreenda ». ⁵⁷ Anteriormente Cristo havia frisado bem : « Nem todos compreendem esta doutrina ; mas só aqueles aos quais foi concedido ». ⁵⁸ Estas últimas palavras põem claramente em evidência que este apelo é um conselho. O Apóstolo São Paulo também dedicou a este ponto uma apropriada reflexão na *primeira Carta aos Coríntios*. ⁵⁹

Ora este conselho é dirigido de modo especial ao amor do coração humano. Ele põe em relevo sobretudo o *carácter esponsal* deste amor ; ao passo que a pobreza e mais ainda a obediência parecem realçar primariamente o aspecto do amor redentor contido na consagração religiosa. Trata-se aqui, como é sabido, da castidade no

⁵⁷ Mt 19, 12.

⁵⁸ Mt 19, 11.

⁵⁹ Cf. 1 Cor 7, 28-40.

sentido de « fazer-se eunuco por amor do Reino dos céus » ; ou seja, trata-se da virgindade como expressão do amor esponsal pelo próprio Redentor. Neste sentido, o Apóstolo ensina que « procede bem » quem escolhe o matrimónio ; mas « procede melhor » quem opta pela virgindade.⁶⁰ « Quem não é casado é *todo solícitude pelas coisas do Senhor*, procura agradar ao Senhor » ;⁶¹ e « a mulher que não é casada, bem como a virgem, anda solícita pelas coisas do Senhor, a fim de ser santa de corpo e de espírito ».⁶²

Não está aqui incluído – nem nas palavras de Cristo nem nas de São Paulo – nenhum menosprezo do matrimónio. O conselho evangélico da castidade é só uma indicação daquela particular possibilidade que constitui *o amor esponsal do próprio Cristo*, de Jesus « Senhor », para o coração humano, quer do homem quer da mulher. O « fazer-se eunuco por causa do Reino dos céus » não é, efectivamente, apenas uma renúncia livre ao matrimónio e à vida de família, mas é uma escolha carismática de Cristo como Esposo exclusivo. Esta escolha não só permite « preocupar-se » unicamente com as coisas do Senhor, mas – feita « por causa do Reino dos céus » – aproxima este *Reino escatológico de Deus* da

⁶⁰ Cf. 1 Cor 7, 38.

⁶¹ 1 Cor 7, 32.

⁶² 1 Cor 7, 34.

vida de todos os homens, nas condições da temporalidade, e torna-o presente, de alguma maneira, no meio do mundo.

As pessoas consagradas realizam, mediante isso, a finalidade interior de toda a economia da Redenção. Esta finalidade, de facto, exprime-se no tornar próximo o Reino de Deus com a sua dimensão definitiva, escatológica. Pelo voto de castidade, as pessoas consagradas participam na economia da Redenção, por um lado, mediante *a livre renúncia* às alegrias temporais da vida matrimonial e familiar ; e, por outro lado, precisamente pelo facto de se fazerem eunucos por causa do Reino dos céus », levam para o meio do mundo que passa *o anúncio da ressurreição futura*⁶³ e da vida eterna : da vida em união com o próprio Deus mediante a visão beatífica e o amor que compreende em si e penetra intimamente todos os outros amores do coração humano.

Pobreza

12. Em matéria de pobreza são muito expressivas as palavras da *segunda Carta aos Coríntios*, que constituem uma síntese precisa de tudo aquilo que lemos no Evangelho sobre este mesmo tema : « Conheceis muito bem a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, que, *sendo rico, fez-se pobre* por vosso amor, a *fim de enriquecer-vos* com a sua *pobreza* ». ⁶⁴ Segundo estas palavras, a pobreza

⁶³ Cf. *Lc* 20, 34-36 ; *Mt* 22, 30 ; *Mc* 12, 25.

⁶⁴ *2 Cor* 8, 9.

entra na estrutura interna da própria graça redentora de Jesus Cristo. Sem a pobreza não é possível compreender o mistério da doação da divindade ao homem, *doação* que se realizou precisamente em Jesus Cristo. É também por isso que ela se encontra mesmo *ao centro do Evangelho*, no princípio da mensagem das oito Bem-aventuranças : « Bem-aventurados os pobres em espírito ». ⁶⁵ A pobreza evangélica abre diante do olhar da alma humana a perspectiva de todo o mistério « oculto desde todos os séculos em Deus ». ⁶⁶ Só aqueles que são « pobres » desta maneira é que são também interiormente capazes de compreender a pobreza d'Aquele que é infinitamente rico. A *pobreza* de Cristo esconde em si essa *riqueza infinita de Deus* ; ou melhor, é uma expressão infalível dessa riqueza. Com efeito, uma riqueza assim, como é a própria Divindade, não poderia ter sido exprimida adequadamente em nenhum bem criado. Ela pode ser exprimida somente na pobreza. Por isso, pode ser *compreendida* de modo exacto *somente pelos pobres*, pelos pobres em espírito. Cristo, homem-Deus, é o primeiro destes pobres : Aquele que, « sendo rico, se fez pobre », não é apenas o Mestre, mas é também o porta-voz e o garante daquela *pobreza salvífica*, que corresponde à infinita

⁶⁵ Mt 5, 3.

⁶⁶ Ef 3, 9

riqueza de Deus e ao poder inesgotável da sua graça.

Por conseguinte, também é verdade – como escreve o Apóstolo – que « mediante a sua pobreza nos tornamos ricos ». É *o Mestre e o portavoza da pobreza Quem nos enriquece*. Por este motivo exactamente, Ele dizia ao jovem nos Evangelhos sinópticos : « vende o que tens e dá-o... e terás um tesouro no céu ». ⁶⁷ Há nestas palavras um chamamento para enriquecer os outros por meio da própria pobreza ; mas no mais íntimo deste chamamento encontra-se escondido o testemunho da riqueza infinita de Deus que, transferida para a alma humana, pelo mistério da graça, cria no mesmo homem, precisamente mediante a pobreza, uma fonte para enriquecer os outros, que não se pode comparar com quaisquer recursos de ordem material : é um manancial para beneficiar os outros à semelhança do próprio Deus. Esta largueza em dar realiza-se no âmbito do mistério de Cristo, que « nos tornou ricos por meio da sua pobreza ». Sabemos como este processo de enriquecimento se apresenta nas páginas do Evangelho ; ele tem o seu ponto culminante no acontecimento pascal : Cristo, o mais pobre de todos os pobres, na sua morte de Cruz, é ao mesmo tempo Aquele que nos enriquece infinitamente com a plenitude da vida nova, mediante a Ressurreição.

⁶⁷ *Mt* 19, 21 ; cf. *Mc* 10, 21 ; *Lc* 18, 22.

Amados Irmãos e Irmãs, pobres em espírito pela profissão evangélica, adoptai em toda a vossa vida este *modelo salvífico da pobreza de Cristo* ! Procurai, dia a dia, um amadurecimento cada vez maior na vossa condição de pobres ! Procurai, acima de tudo, « o reino de Deus e a sua justiça », e todas as outras coisas « vos serão dadas por acréscimo ». ⁶⁸ Que em vós e por meio de vós se realize a bem-aventurança evangélica que está reservada aos pobres, ⁶⁹ aos pobres em espírito ! ⁷⁰

Obediência

13. Cristo, « subsistindo na natureza de Deus, não julgou o ser igual a Deus um bem a que não devesse nunca renunciar ; mas despojou-se a si mesmo, tomando a natureza de servo e tornando-se semelhante aos homens ; e, reconhecido como homem por todo o seu exterior, humilhou-se, *fazendo-se obediente* até à morte e à morte de cruz ». ⁷¹

Tocamos aqui, por estas palavras da *Carta de São Paulo aos Filipenses*, a própria essência da Redenção. Nesta realidade está inscrita, primária e constitutivamente, a obediência de Cristo. Confirmam este dado também aquelas outras palavras do mesmo Apóstolo, que encontramos desta vez na *Carta aos Romanos* : « Assim como

⁶⁸ Mt 6, 33.

⁶⁹ Lc 6, 20.

⁷⁰ Mt 5, 3.

⁷¹ Flp 2, 6-8.

pela desobediência de um só homem todos foram constituídos pecadores, assim também, *pela obediência de um só* todos serão constituídos justos ». ⁷²

O conselho evangélico da obediência é o chamamento que promana desta obediência de Cristo « até à morte ». Os que acolhem tal chamamento, expresso pela palavra « segue-me », decidem-se – como diz o Concílio Vaticano II – *a seguir Cristo*, « que redimiu e santificou os homens *pela sua obediência* até à morte de Cruz ». ⁷³ Ao porem em prática o conselho evangélico da obediência, eles atingem a essência profunda de toda a economia da Redenção. Ao cumprirem este conselho, demonstram o desejo de obter uma participação especial na obediência daquele « um só », por cuja obediência « todos serão constituídos justos ».

Pode-se dizer, portanto, que aqueles que decidem viver segundo o conselho da obediência se colocam, de uma maneira singular, entre o *mistério do pecado*⁷⁴ e o *mistério da justificação e da graça salvífica*. Passam a estar nessa « situação » com todo o estrato pecaminoso subjacente na própria natureza humana, com toda a herança da « soberba da vida » e com todas as tendências egoístas para dominar e para não servir ; e

⁷² Rom 5, 19.

⁷³ Conc. Ecum. Vaticano II, Decr. *Perfectae Caritatis*, 1.

⁷⁴ « *Mysterium iniquitatis* » : cf. 2 Tess 2, 7.

decidem-se, exactamente mediante o voto de obediência, a *transformar-se* à semelhança de Cristo, que « redimiu e santificou os homens pela sua obediência ». No conselho da obediência desejam encontrar o próprio papel na obra da Redenção de Cristo e o próprio caminho de santificação.

Foi este o caminho que Cristo traçou no Evangelho, ao falar muitas vezes do *cumprimento da vontade de Deus* e da *busca* incessante da mesma. « O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou a realizar a sua obra ». ⁷⁵ « Porque eu não busco a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou ». ⁷⁶ « Aquele que me enviou está comigo ; e não me deixou só, porque eu faço sempre o que é do seu agrado ». ⁷⁷ « Porque desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou ». ⁷⁸ Este cumprimento constante da vontade do Pai faz-nos pensar também naquela confissão messiânica do Salmista da Antiga Aliança : « Num livro está escrito de mim : *cumprir a vossa vontade* ; meu Deus, isto eu quero e a vossa lei tenho-a fixa no íntimo do meu coração ». ⁷⁹

Esta obediência do Filho – repassada de alegria – atinge o seu auge perante a Paixão e a

⁷⁵ Jo 4, 34.

⁷⁶ Jo 5,30.

⁷⁷ Jo 8, 29.

⁷⁸ Jo 6,38.

⁷⁹ Sl 40 [39], 8-9, Cf. Hebr 10, 7.

Cruz : « Pai, se quiseres, afasta de mim este cálice ; não seja, porém, a minha vontade a fazer-se, mas a tua ». ⁸⁰ Desde a oração no Getsémani por diante, a disponibilidade de Cristo para fazer a vontade do Pai *foi sendo plenamente actuada, até ao extremo limite do sofrimento* ; e traduz-se naquela obediência « até à morte e morte de Cruz », de que fala São Paulo.

As pessoas consagradas, com o voto de obediência decidem-se a imitar com humildade a obediência do Redentor de um modo especial. Com efeito, se bem que a submissão à vontade de Deus e a obediência à sua lei sejam para todos os estados *condição para levar vida cristã*, contudo, no « estado religioso », no « estado de perfeição », o voto de obediência cria no coração de cada um e de cada uma de vós, amados Irmãos e Irmãs, *o dever de uma referência especial* a Cristo « obediente até a morte ». E uma vez que esta obediência de Cristo constitui o núcleo essencial da obra da Redenção, como resulta das palavras do Apóstolo acima citadas, também na observância do conselho evangélico da obediência se há-de vislumbrar um *momento particular* daquela « economia da Redenção » que impregna totalmente a vossa vocação na Igreja.

Daqui deriva aquela « disponibilidade total ao Espírito Santo », que age primeiro que tudo na Igreja, como se exprime o meu Predecessor Paulo

⁸⁰ *Lc* 22, 42 ; Cf. *Mc* 14, 36 ; *Mt* 26, 42.

VI na Exortação Apostólica *Evangelica Testificatio* ;⁸¹ e como, aliás, estará bem claro nas Constituições dos vossos Institutos. Daqui dimana também aquela *religiosa submissão* que, com espírito de fé, as pessoas consagradas hão-de demonstrar para com os próprios Superiores legítimos, que ocupam o lugar de Deus.⁸² Na *Carta aos Hebreus* encontramos, acerca deste ponto, uma indicação muito significativa : « Sede obedientes e submissos aos vossos superiores, pois eles velam pelas vossas almas, pelas quais terão de dar contas ». E o Autor da Carta acrescenta : Obedecei, para que eles façam « isto com alegria e não gemendo, coisa que não redundaria em vossa utilidade ».⁸³

Os Superiores, por seu turno, recordando-se de que têm o dever de excercer com espírito de serviço o múnus que lhes foi conferido, mediante o ministério da Igreja, mostrem-se sempre disponíveis para ouvir os próprios irmãos, a fim de poderem discernir melhor aquilo que o Senhor pede a cada um, salvaguardada sempre a autoridade que lhes compete para decidir e mandar o que julgarem oportuno.

A par com a submissão-obediência, concebida deste modo, anda a *atitude de serviço*, que informará toda a vossa vida, seguindo o *exemplo*

⁸¹ Cf. *Evangelica Testificatio*, 6 : AAS 63 (1971), p. 500.

⁸² Cf. Conc. Ecum. Vaticano II, Decr. *Perfectae Caritatis*, 14.

⁸³ *Hebr* 13, 17.

do Filho do homem, o qual « não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos ». ⁸⁴ E a sua Mãe, no momento decisivo da Anunciação-Encarnação, penetrando desde o início em toda a economia salvífica da Redenção, disse : « Eis a serva do Senhor ! Faça-se em mim segundo a tua palavra ». ⁸⁵

Recordai ainda, amados Irmãos e Irmãs, que a obediência à qual vos comprometestes, consagrando-vos a Deus sem reservas, mediante a profissão dos conselhos evangélicos, constitui uma particular *expressão de liberdade interior*, assim como a expressão definitiva da liberdade de Cristo foi a sua obediência « até à morte » : « eu dou a minha vida, para retomá-la depois. Ninguém ma pode tirar, mas sou eu que a dou por mim mesmo ». ⁸⁶

VI. AMOR À IGREJA.

Testemunho

14. No Ano Jubilar da Redenção a Igreja toda deseja *renovar o seu amor a Cristo*, Redentor do homem e do mundo, seu Senhor e ao mesmo tempo seu Esposo divino. E por isso, neste Ano Santo, ela tem os olhos postos em vós, com singular atenção, amados Irmãos e Irmãs, pois, como pessoas consagradas, nela ocupais um lugar

⁸⁴ *Mt* 10, 45

⁸⁵ *Lc* 1, 38.

⁸⁶ *Jo* 10, 17-18.

especial : quer na Comunidade universal do Povo de Deus, quer em cada uma das Comunidades locais. Ao desejar que, mediante a graça do Jubileu extraordinário se *renove também o vosso amor* por Cristo, a Igreja ao mesmo tempo está plenamente cônica de que este amor constitui um bem especial *de todo o Povo de Deus*. Sim, a Igreja tem consciência de que, no amor que Cristo recebe da parte das pessoas consagradas, o amor de todo o Corpo se dirige de uma maneira especial e excepcional ao Esposo, que ao mesmo tempo é a Cabeça deste Corpo.

Por isso, a Igreja, amados Irmãos e Irmãs, exprime-vos a sua gratidão pela consagração e pela profissão dos conselhos evangélicos, que são um particular *testemunho de amor*. Ao mesmo tempo ela reconfirma a sua grande confiança em vós, que escolhestes um estado de vida que é um dom especial de Deus à mesma Igreja. Esta conta com a vossa colaboração total e generosa, para que, enquanto fiéis administradores de um dom tão precioso, vós « sintais com a Igreja » e sempre colaboreis com ela, em conformidade com os ensinamentos e com as directrizes do Magistério de Pedro e dos Pastores em comunhão com ele, cultivando, a nível pessoal e comunitário, uma renovada consciência eclesial. Simultaneamente, a Igreja reza por vós, a fim de que o vosso testemunho de amor jamais esmoreça ;⁸⁷ e pede-

⁸⁷ Cf. *Lc* 22, 32

vos que acolhais com este espírito a presente mensagem do Ano Jubilar da Redenção.

O Apóstolo, na sua *Carta aos Filipenses*, orava precisamente neste sentido, assim : « Que a vossa caridade cresça, ainda mais e mais, no conhecimento perfeito e em todo o género de discrição, a fim de que possais discernir o que é melhor, e assim vos tornardes puros e irrepreensíveis para o dia de Cristo, repletos do fruto de justiça... ». ⁸⁸

Pela Redenção operada por Cristo, « o amor de Deus encontra-se largamente difundido nos nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi dado ». ⁸⁹ Eu peço incessantemente *ao Espírito Santo que conceda* a cada um e a cada uma de vós dar, « segundo o seu dom particular », ⁹⁰ um testemunho excelente desse amor. Que prevaleça em vós, de maneira digna da vossa vocação « a lei do Espírito que dá a vida em Jesus Cristo... », aquela lei que nos libertou « da lei... da morte ». ⁹¹ Procurai viver, portanto, desta vida nova, segundo a medida da vossa *consagração* e também segundo a medida dos diversos *dons de Deus*, que correspondem à vocação de cada uma das Famílias religiosas.

⁸⁸ *Flp* 1, 9-11.

⁸⁹ *Rom* 5, 5

⁹⁰ Cf. *1 Cor* 7, 7.

⁹¹ *Rom* 8, 2.

A profissão dos conselhos evangélicos indica a cada um e a cada uma de vós a maneira como podeis « fazer morrer, com o auxílio do Espírito Santo », ⁹² tudo aquilo que é contrário à vida e que serve ao pecado e à morte, tudo aquilo que se opõe ao verdadeiro amor de Deus e dos homens. O mundo tem necessidade da genuína « contradição » da consagração religiosa, que seja para ele um permanente fermento de renovação salvífica. « *Não vos conformeis com este mundo*, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para poderdes discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, aceito ao mesmo Deus e perfeito ». ⁹³

Passado o período especial de experiência e de actualização, previsto pelo Motu-proprio *Ecclesiae Sanctae*, os vossos Institutos receberam há pouco, ou estarão para receber, a aprovação da parte da Igreja das Constituições renovadas. Que este dom da Igreja vos estimule a conhecê-las e, sobretudo, a vivê-las com fidelidade e com generosidade, tendo presente que a obediência é uma manifestação não equívoca do amor.

É precisamente deste testemunho de amor que o mundo de hoje e a humanidade têm necessidade. Sim, têm necessidade do *testemunho da Redenção*, tal como ela está impressa na profissão dos conselhos evangélicos. Estes

⁹² Cf. *Rom* 8, 13.

⁹³ *Rom* 12, 2.

conselhos, cada um segundo a maneira que lhe é peculiar e todos conjuntamente na sua conexão íntima, « dão testemunho » da Redenção que, pelo poder da Cruz e da Ressurreição de Cristo, encaminha o mundo e a humanidade no Espírito Santo para *aquela definitiva realização* plena, que o homem e, pelo homem, toda a criação encontram *em Deus, e somente em Deus*. O vosso testemunho, portanto, é inestimável. É preciso aplicar-se, com constância, para que ele seja plenamente transparente e plenamente frutuoso no meio dos homens. Para isso poderá servir, realmente, a observância fiel das normas da Igreja que dizem respeito à manifestação também externa da vossa consagração e do vosso compromisso de pobreza.⁹⁴

Apostolado

15. Deste testemunho de amor esponsal a Cristo, através do qual toda a verdade salvífica do Evangelho se torna particularmente visível entre os homens, nasce ainda, amados Irmãos e Irmãs, como algo próprio da vossa vocação, *a participação no apostolado da Igreja*, na sua missão universal, que se realiza simultaneamente no seio de todas as nações, de muitas maneiras diversas e mediante a multiplicidade dos dons concedidos por Deus. A vossa missão específica procede harmoniosamente de par *com a missão dos Apóstolos*, que o Senhor enviou « por todo o mundo » para

⁹⁴ Cf. C.I.C. cân. 669.

« ensinar todas as gentes » ;⁹⁵ e, mais ainda, está unida a esta *missão* que incumbe *à ordem hierárquica*. No apostolado que as pessoas consagradas desenvolvem, o seu amor esposal por Cristo torna-se, de modo quase orgânico, *amor pela Igreja* enquanto Corpo de Cristo, pela Igreja como Povo de Deus, pela Igreja que é também Esposa e Mãe.

Seria difícil descrever e até mesmo simplesmente enumerar as múltiplas maneiras diferentes pelas quais as pessoas consagradas põem em prática, *mediante o apostolado, o seu amor para com a Igreja*. Esse apostolado nasceu sempre daquele dom particular dos vossos Fundadores que, *recebido de Deus* e aprovado pela Igreja, se tornou um carisma para a inteira Comunidade. Tal dom divino corresponde às diversas necessidades da Igreja e do mundo, em cada época da história ; e, seguidamente, prolonga-se e consolida-se na vida das comunidades religiosas como um dos elementos perduráveis da vida e do apostolado da mesma Igreja.

Em cada um destes elementos, em todas as suas expressões – quer na da *contemplação fecunda para o apostolado*, quer na da *actividade directamente apostólica* – acompanha-vos a bênção constante da Igreja ; e, simultaneamente, a sua solicitude pastoral e materna, pelo que respeita à identidade da vossa vida espiritual e em ordem ao acerto da

⁹⁵ Cf. *Mt* 28, 19.

vossa actuação, no seio da grande Comunidade universal *das vocações e dos carismas* de todo o Povo de Deus. Tanto por cada um dos Institutos, tomados separadamente como pela sua integração orgânica, é no contexto de toda a missão da Igreja que é sempre posta particularmente em realce aquela economia da Redenção, de cuja *marca profunda cada um e cada uma de vós*, amados Irmãos e Irmãs, é *portador em si mesmo*, em virtude da própria consagração e da profissão dos conselhos evangélicos.

E por conseguinte, embora sejam sumamente importantes as múltiplas obras de apostolado a que vos dedicais, todavia a obra de apostolado *fundamental* continua sempre a ser *aquilo que vós sois* (e ao mesmo tempo quem vós sois) na Igreja. Podem repetir-se de cada um e de cada uma de vós, com especial razão, as palavras do Apóstolo : « Vós estais mortos e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus ».⁹⁶ E contudo, o facto de « estardes escondidos com Cristo em Deus » permite que se vos apliquem as palavras do próprio Mestre : « Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, a fim de que vendo as vossas boas obras, glorifiquem a vosso Pai que está nos céus ».⁹⁷

Para haver esta luz, pela qual vós deveis resplandecer « diante dos homens », é importante

⁹⁶ Col 3, 3.

⁹⁷ Mt 5, 16.

entre vós o testemunho da caridade mútua, a que anda ligado o espírito fraterno de todos na Comunidade, uma vez que o Senhor disse : « Nisto precisamente todos reconhecerão que sois meus discípulos : se vos amardes uns aos outros ». ⁹⁸

A natureza fundamentalmente comunitária da vossa vida religiosa, alimentada pela doutrina do Evangelho, pela sagrada Liturgia e, sobretudo, pela Eucaristia, constitui um modo privilegiado para realizar esta dimensão interpessoal e social. Usando de delicadeza e tendo atenções mútuas e levando o peso uns dos outros, vós manifestais, pela vossa unidade, que Cristo vive no meio de vós. ⁹⁹

Para o vosso apostolado na Igreja é importante *que sejais muito sensíveis às necessidades e aos sofrimentos do homem*, que se apresentam tão claramente e de maneira tão impressionante no mundo de hoje. O Apóstolo, efectivamente, ensina : « Levai os fardos uns dos outros e desse modo cumprireis a lei de Cristo » ;¹⁰⁰ e diz ainda que « o cumprimento perfeito da lei é a caridade ». ¹⁰¹

⁹⁸ Jo 13, 35.

⁹⁹ Cf. Conc. Ecum. Vaticano II, Decr. *Perfectae Caritatis*, 15.

¹⁰⁰ Gál 6, 2.

¹⁰¹ Rom 13, 10.

A vossa missão deve ser visível ! O *vínculo que a une à Igreja* deve ser profundo, *muito profundo*.¹⁰² Através de tudo o que fazeis e, principalmente, através daquilo que vós sois, que seja proclamada e confirmada constantemente a verdade de que « Cristo amou a Igreja e se entregou a si mesmo por ela », ¹⁰³ verdade que está na base de toda a economia da Redenção. E que de Cristo, Redentor do mundo, brote também a fonte inexaurível do vosso amor pela Igreja.

VII. CONCLUSÃO.

Iluminados os olhos da vossa inteligência

16. Esta Exortação que vos dirijo *pela Solenidade da Anunciação do Senhor*, no Ano Jubilar da Redenção, desejaria ser uma expressão do amor que a Igreja nutre pelos Religiosos e pelas Religiosas. Com efeito, vós, amados Irmãos e Irmãs, sois *um bem especial da Igreja*. E é um bem que se torna mais compreensível através da meditação da realidade da Redenção ; e para isto, o corrente Ano Santo proporciona uma ocasião constante e um estímulo favorável. Procurai reconhecer, pois, sob esta luz, a vossa *identidade* e a vossa *dignidade*. E que o Espírito Santo – por obra da Cruz e da Ressurreição de Cristo – « ilumine os olhos da vossa inteligência, a fim de

¹⁰² Isto mesmo é recordado explicitamente pelo Código de Direito Canónico, a propósito da actividade apostólica : cf. cân. 675, § 3.

¹⁰³ Cf. *Ef* 5, 25.

que possais saber qual é a esperança a que sois chamados, quais as riquezas da sua herança gloriosa que vos prepara entre os santos ».¹⁰⁴

Estes « olhos iluminados da vossa inteligência » é o que a Igreja pede sem cessar para cada um e cada uma de vós, *os que já entrastes* no caminho da profissão dos conselhos evangélicos. E estes « olhos assim, igualmente iluminados », é o que a Igreja, juntamente convosco, pede para muitos outros cristãos, especialmente para a juventude masculina e feminina, a fim de poderem *descobrir este caminho e não terem receio de se comprometer* a segui-lo, e para que – mesmo no meio das circunstâncias adversas da vida de hoje – possam ouvir o « segue-me » de Cristo.¹⁰⁵

Vós deveis, realmente, aplicar-vos a este objectivo, pela vossa oração e também com o vosso testemunho daquele amor mútuo, pelo qual « Deus permanece em vós, e o seu amor é perfeito em vós ».¹⁰⁶ Que este testemunho se torne presente em toda a parte e universalmente legível! Que o homem dos nossos tempos, cansado espiritualmente, encontre nesse testemunho apoio e esperança. Por conseguinte, servi aos vossos irmãos, com a alegria que nasce de um coração habitado por Cristo. « Que o

¹⁰⁴ Ef 1, 18.

¹⁰⁵ Lc 5, 27.

¹⁰⁶ 1 Jo 4, 12.

mundo do nosso tempo... possa receber a Boa Nova, não de evangelizadores tristes e desalentados, mas sim de ministros do Evangelho cuja vida irradie o fervor de quem já recebeu primeiro, em si mesmo, a alegria de Cristo ».¹⁰⁷

A Igreja, com o muito amor que tem por vós, não cessa « de dobrar os joelhos diante do Pai », ¹⁰⁸ para que sejais « corroborados... na vitalidade do homem interior » ;¹⁰⁹ e para que, do mesmo modo que vós, o sejam igualmente muitos outros nossos irmãos e irmãs baptizados, especialmente jovens, a fim de poderem encontrar também eles o mesmo caminho da santidade. Ao longo da história, este caminho foi percorrido por muitas gerações que, unidas com Cristo – Redentor do mundo e Esposo das almas – deixaram atrás de si, não raro, o clarão intenso da luz de Deus, sobre o fundo cinzento e mesmo de trevas da existência humana.

Para todos vós, os que na fase actual da história da Igreja e do mundo percorreis tal caminho, vão os mais ardentes votos do Ano Jubilar da Redenção, para que « radicados e alicerçados na caridade, sejais capazes de compreender, com todos os santos, qual seja a largura, o comprimento, a altura e a profundidade

¹⁰⁷ Paulo PP. VI, Exort Apost. *Evangelii Nuntiandi*, 80 : AAS 68 (1976), p. 75.

¹⁰⁸ Cf. *Ef* 3, 14.

¹⁰⁹ Cf. *Ef* 3, 16.

do amor de Cristo e conhecer a sua caridade, que excede toda a ciência, para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus ».¹¹⁰

Mensagem da Solenidade da Anunciação do Senhor

17. Na festividade da Anunciação deste Ano Santo, quero depor a presente Exortação *no Coração da Virgem Imaculada*. Entre todas as pessoas consagradas sem reservas a Deus, Ela é a primeira. Ela – a Virgem de Nazaré – é também *a mais plenamente consagrada a Deus*, consagrada da maneira mais perfeita. O seu amor sponsal atinge o ponto mais alto na maternidade divina pelo poder do Espírito Santo. Ela, que como Mãe, leva Cristo nos braços, ao mesmo tempo corresponde do modo mais perfeito *ao seu chamamento* : « segue-me ». E segue-o – Ela, a Mãe – como seu Mestre em castidade, em pobreza e em obediência.

Quanto foi *dedicada* a Virgem de Nazaré, durante toda a sua vida terrena, à causa do Reino dos céus, *por amor castíssimo* ! Quanto foi *pobre* na noite de Belém e se mostrou pobre no Calvário ! Quanto foi *obediente* na altura da Anunciação e depois – aos pés da Cruz – *obediente* até ao ponto de consentir na morte do Filho, que se tinha feito « obediente até à morte » !

Se para a Igreja toda Maria é o *primeiro modelo*, com muito mais razão Ela tem de o ser para vós,

¹¹⁰ Ef 3, 17-19.

peças e comunidades consagradas no interior da Igreja. No dia que nos traz à lembrança a abertura do Jubileu da Redenção, que se verificou no ano passado, dirijo-me a vós com a presente mensagem, para vos convidar a que reaviveis a vossa consagração religiosa segundo o modelo da consagração da própria Mãe de Deus.

Queridos Irmãos e Irmãs : « fiel é Deus que vos chamou à comunhão de seu Filho, Jesus Cristo ».¹¹¹ Perseverando, pois, na fidelidade Aquele que é fiel, esforçai-vos por buscar um apoio especialíssimo em Maria. Com efeito, Ela foi chamada por Deus à comunhão mais perfeita possível com o seu Filho. Que seja Ela, a Virgem fiel, também para vós, a Mãe da vossa caminhada evangélica ! Que Ela vos ajude a experimentar e a mostrar diante do mundo *quanto o próprio Deus é infinitamente fiel*.

Ao formular estes votos, abençoo-vos de todo o coração.

Dado no Vaticano, no dia 25 de Março do Ano Jubilar da Redenção de 1984, sexto do meu Pontificado.

IOANNES PAULUS PP. II

¹¹¹ 1 Cor 1, 9.